

Crise no sistema carcerário

'Só a educação poderá reformar os homens'

Allan Kardec

P. 2

Reconciliação com a vida

P. 4

Aceitar-se como se é

P. 8

A transmissão de valores

P. 9

A diferença entre professar e praticar

P. 10

Acontecimentos em ritmo acelerado

P. 4

Não violência: política para a paz

P. 6



Jacira Jacinto da Silva
é juíza de Direito e presidente
da CEPA – Associação Espírita
Internacional

Prisão x regeneração. Sim à

Neste momento assustador, em que os brasileiros assistem a sucessivos massacres nos presídios, as pessoas têm a oportunidade de ouvir o clamor, quase generalizado da população, pela pena de morte com requintes de crueldade. Frases como: “morreram poucos”, “lá não havia nenhum santo”, “limpeza pública”, “já que o Estado não faz a sua parte...”, vão se reproduzindo de boca em boca e, quando menos se espera, saem até das bocas das mais altas autoridades, esquecidas do seu dever de fazer vigorar o Estado Democrático de Direito, as leis e a Constituição Federal.

Em um sistema prisional falido há décadas, é natural que aconteçam chacinas, fugas em massa, rebeliões, massacres, situações catastróficas e apavorantes que vão sempre sugerir aos aproveitadores de plantão a proposta de um “pacote salvador”, uma mudança completa do sistema, algo que nada mais representa senão uma cortina de fumaça, dificultando o ideal enfrentamento da realidade.

Sem entrar no mérito dos motivos que elevam a criminalidade no Brasil, é preciso enfrentar, no mínimo, a questão da população carcerária. Antes de tudo, saber que não se misturam pequenos infratores com criminosos de alta periculosidade, o que acontece diariamente em todos os rincões do nosso país. O chamado “aviãozinho”, que repassa ínfimas quantias de droga unicamente para sustento do vício, não tem a menor noção do que se passa no mundo do verdadeiro traficante; entretanto, na prática, ambos recebem o mesmo tratamento legal e penitenciário.

O sistema prisional pode melhorar muito a partir do cumprimento da velha e boa Lei de Execução Penal, que impõe aos presos trabalho e estudo. Bastaria que nossos governantes a praticassem, sem necessidade das tão desejadas leis mais gravosas.

Recordemos Kardec, em *O Livro dos Espíritos*:

“Q. 796. No estado atual da sociedade, a severidade das leis penais não constitui uma necessidade?”

Uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas. Infelizmente, essas leis mais se destinam a punir o mal depois de feito, do que a lhe secar a fonte. Só a educação poderá reformar os homens, que, então, não precisarão mais de leis tão rigorosas.”

Infelizmente, hoje as facções co-

mandam muitos presídios, porém é preciso lembrar que os criminosos só dominam ambientes nos quais o Estado não se faz presente, pois este, por evidente, não pode se submeter à força do crime. Facções criminosas não dominam presídios bem administrados. No livro *Criminalidade, Educar ou Punir?* dissemos que alguns criminosos não têm condições de participar de programas de ressocialização, pois suas condutas animais colocariam em risco a recuperação daqueles que podem se recuperar. Aqueles, por certo, precisam receber tratamento diferen-



A reencarnação outra coisa não é senão oportunidade de viver e aprender. É o recurso disponibilizado pela vida para irmos nos ajustando com nossa consciência, crescendo, evoluindo, aprendendo, libertando-nos do fardo da ignorância e da culpa; em síntese, permitindo que sejamos livres e felizes



ciado; entretanto, a maioria esmagadora da população carcerária não possui esse perfil, podendo e devendo trabalhar e estudar.

Como é sabido, a pena destina-se a punir o criminoso, mas também a prepará-lo para voltar ao convívio social, de modo que os presídios deveriam funcionar como escolas, devolvendo os apenados melhorados à sociedade.

A reencarnação outra coisa não é senão **oportunidade de viver e aprender**. É o recurso disponibilizado pela vida para irmos nos ajustando com nossa consciência, crescendo, evoluindo, aprendendo, libertando-nos do fardo da ignorância e da culpa; em síntese, permitindo que sejamos livres e felizes. Cabe ao Estado, bem como às leis e ao sistema prisional, oferecer também à pessoa que cometeu crimes e desviou-se da legalidade as ferramentas para, aos poucos, sentir-se útil, mais leve, menos culpada, produtiva, capaz, livre e feliz. Somente com ocupação útil: educação, trabalho produtivo, estudo, arte, esporte, informação geral, etc., elas serão efetivamente reeducadas. Castigar, oprimir, matar são ações violentas e odiosas que gerarão, certamente, violência e ódio. A sociedade está totalmente envolvida com isso na condição de agente e paciente dessas ações.

Toda vez que um cidadão reproduz uma frase contrária à defesa dos direitos humanos, por exemplo, marca a sua posição contrária ao Espiritismo e às lutas de mártires que perderam suas vidas contra os regimes autoritários e hediondos. A Doutrina ensina que não existe punição, nem castigo, na Lei Divina, **apenas oportunidade**, sendo a lei da reencarnação traduzida como o maior exemplo de “justiça e misericórdia”. Justiça, pois cada um carrega consigo o patrimônio moral e intelectual que construiu individualmente; misericórdia, pois, não havendo punição nem castigo, terá tantas oportunidades quantas sejam necessárias para o seu aprimoramento.

Espíritas muitas vezes se esquecem totalmente disso e se unem cegamente àqueles que querem a todo custo apenas punir, preferencialmente, de forma cruel, quem cometeu um crime, como se com tal atitude alguém fosse se beneficiar. A vingança só produz ódio; não reeduca e não reorganiza a sociedade, mas para a harmonia comunitária o que interessa é a educação dos seus membros. Lembremos que a maioria dos criminosos pro-



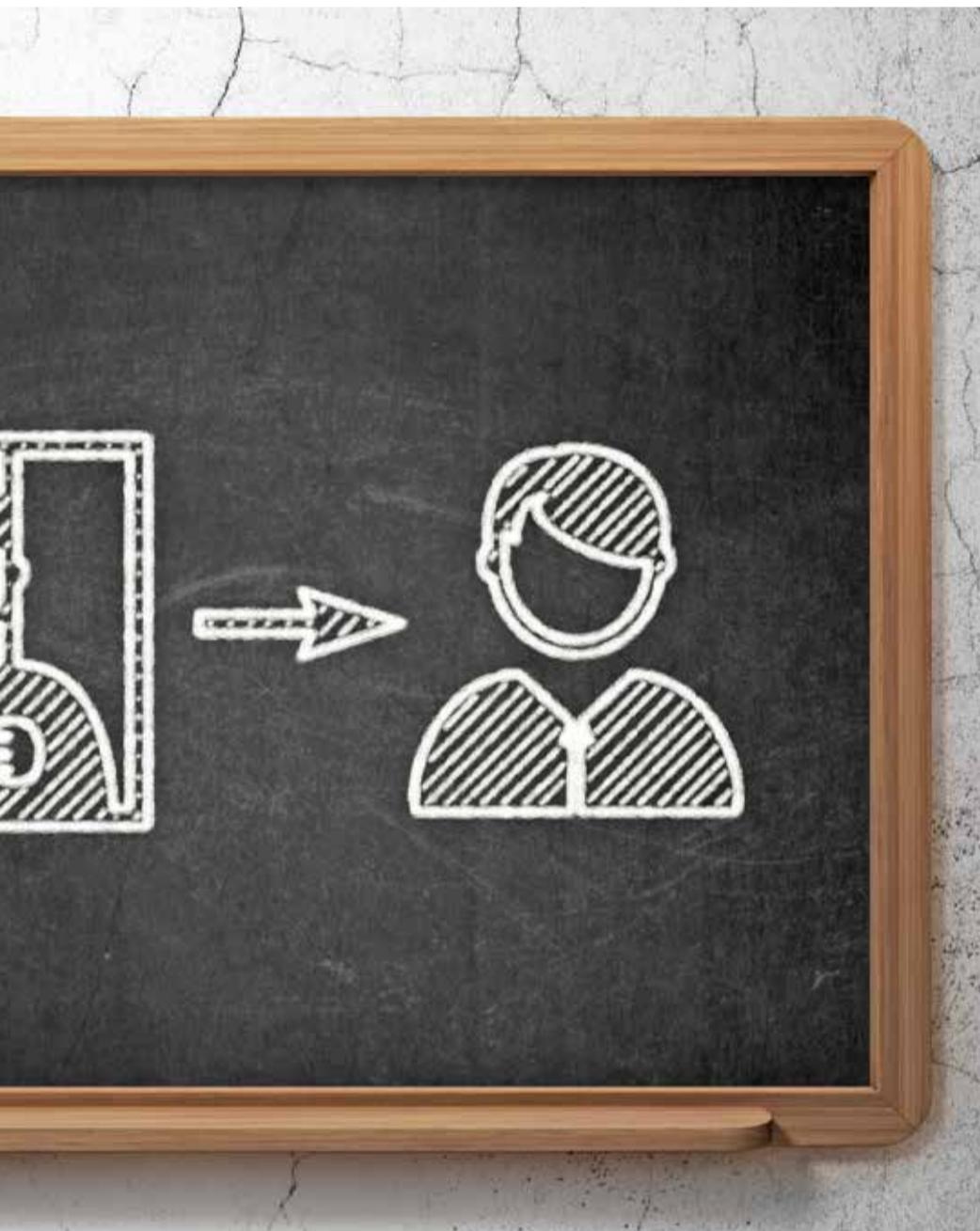
vêm da marginalidade; não recebeu formação adequada, tendo sido moldada na experiência do crime.

Nossa experiência como corregedora de presídio, quando desenvolvemos um trabalho de reinserção social durante oito anos, demonstrou que, exceto a minoria que compõe os casos de grave periculosidade, quando confiamos nos condenados, investindo no seu potencial de ressocialização, sempre recebemos respostas positivas.

O Estado, responsável pela guarda dos presos, não promove a sua ressocialização, não oportuniza trabalho e estudo; ao contrário, guarda pessoas em condições desumanas, produzindo reações ruins para a sociedade.

Qualquer pessoa sensata, e nem precisa conhecer o Direito, ao visitar os pre-

educação, não à violência



Nossos irmãos

Um pensamento de simpatia e de amor para os nossos irmãos que se recuperam!...

Muitos são chamados criminosos, mas, em verdade, foram doentes.

Sofriam desequilíbrios da alma, que se lhes encravavam no ser, quais moléstias ocultas.

Praticaram delitos, sim...

Hoje, entretanto, procuram-te a companhia, sonhando renovação.

Amaram, ignorando que o afeto deve estar vinculado à harmonia da consciência e amargaram terrível secura em labirintos de sombra, a suspirarem agora pelo orvalho da luz.

Eram sovinas e sonegavam o pão à boca faminta dos semelhantes; contudo pretendem contigo o reingresso na escola da caridade.

Acreditavam-se em regime de exceção, quando o orgulho lhes assoprava a mentira; no entanto, após resvalarem no erro, refugiam-se em tua fé, anelando refazimento.

Renderam-se às tentações e foram pilhados na armadilha do mal; todavia, presentemente, buscam-te os olhos e apertam-te as mãos, ansiando esquecer e recomeçar.

Não lhes fite o desacerto.

Alimenta-lhes a esperança.

Não te animarias a espancar a cabeça de quem estivesse a convalescer, depois da loucura, nem cortarias a pele em cicatrizes recentes.

Enfermos graves da alma, todos nós fomos ontem!...

Rende, pois, graças a Deus, se já podes prestar auxílio, porque se chegaste ao grau de restauração em que te encontras, é que, decerto, alguém caminhou pacientemente contigo, com bastante amor de servir e bastante coragem de suportar.

Mensagem de Albino Teixeira, psicografada por Chico Xavier

sídios, reconhece a falência do sistema e a impossibilidade de se admitir as condições em que vivem os presos, sempre em número duplicado, triplicado e mais que isso. Pessoas dormem enquanto outras ficam em pé; outras comem ao lado de dejetos; recebem comida estragada, etc.

Na década de 1990 visitei uma cadeia feminina com 12 vagas e 100 presas. Então, se a pena aplicada ao sujeito foi a de privação de liberdade e não outra, qualquer um ficaria indignado, eu também. E você, leitor, aceitaria outra pena além daquela prevista em lei se estivesse condenado?

Convido os leitores deste conceituado jornal a refletirem com Kardec, sugerindo mais uma questão de *O Livro dos Espíritos*:

“Q. 761. A lei de conservação dá ao ho-

mem o direito de preservar sua vida. Não usará ele desse direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?

Há outros meios de ele se preservar do perigo, que não matando. Demais, **é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento.**” (grifei)

Nossa proposta está com Kardec, impor, sim, a pena legal, apenas a pena prevista em lei; portanto a de privação de liberdade. Para o seu cumprimento, deve-se observar a Lei de Execução Penal, oportunizando trabalho, estudo, equipe técnica para possibilitar a ressocialização. É tarefa do Estado possibilitar a ressocialização, oferecendo condições para as pessoas repensarem suas vidas e suas atitudes; encontrar outros caminhos e não desejarem mais retornar ao presídio.

O que acontece a um criminoso no Plano Espiritual

O que acontece a um criminoso no Plano Espiritual? O capítulo VI da segunda parte do livro *O Céu e o Inferno* traz relato sobre o tema:

Verger, um jovem padre que, ferindo mortalmente o arcebispo de Paris, Mons. Sibour, ao sair da Igreja de Saint-Étienne-du-Mont, foi condenado à morte e executado pelas leis dos homens, respondeu a algumas questões sobre a situação dos criminosos no Plano Espiritual:

“Sois punido pelo crime que cometestes?”

R. Sim; lamento o que fiz e isso faz-me sofrer.

Qual a vossa punição?

R. Sou punido porque tenho consciência da minha falta, e para ela peço perdão a Deus; sou punido porque reconheço a minha descrença nesse Deus, sabendo agora que não devemos abreviar os dias de vida de nossos irmãos; sou punido pelo remorso de haver adiado o meu progresso, enveredando por caminho errado, sem ouvir o grito da própria consciência que me dizia não ser pelo assassinio que alcançaria o meu desiderato. Deixei-me dominar pela inveja e pelo orgulho; enganei-me e arrependo-me, pois o homem deve esforçar-se sempre por dominar as más paixões – o que, aliás, não fiz.”



Andrei Moreira
é presidente da Associação Médico-Espírita de Minas Gerais (MG)

Acontecimentos em ritmo acelerado

Os primeiros dias de 2017 trouxeram-nos acontecimentos capazes de deixar marcas profundas. Não é nosso objetivo fazer uma retrospectiva, mas, com certeza, acreditamos que vale a reflexão para um prognóstico do momento em que vivemos. O processo de transformação nos parece intenso, e os sinais de que vivemos um momento ímpar ficam cada vez mais evidentes. Provavelmente, o turbilhão de ocorrências de certo modo até desconexas justificam a ausência de valores e um alinhamento moral para nortearem os rumos da humanidade.

No Hemisfério Norte, o ano começou com uma série de fatos decorrentes da recente eleição do presidente norte-americano Donald Trump, o comandante da maior economia mundial. Em menos de dez dias, foi capaz de modificar a percepção da política externa dos EUA muito mais do que seus antecessores fizeram em praticamente sete décadas. O dirigente republicano decretou a proibição da imigração e de visitas de pessoas de sete países (Iraque, Iêmen, Irã, Síria, Líbia, Somália e Sudão), em sua maioria muçulmanos. Poucas horas depois, o mundo já observou protestos em diversos cantos. Além disso, Trump também suspendeu por 120 dias o recebimento de refugiados, e está levando adiante uma de suas promessas de campanha, a construção do muro nas fronteiras com o México, colocando em cheque uma relação profícua entre os países.

Enquanto o mundo observa perplexo os atos do presidente norte-americano, que demonstra cada vez mais o desejo de fechar o país para o mundo e recuar em políticas externas inclusivas, é capaz também de aplaudir um projeto de abrigo para refugiados com o prêmio Beazley de 2016, um dos mais importantes prêmios mundiais de design. The Better

Shelter – uma colaboração entre Johan Karlsson, Dennis Kanter, Christian Gustafsson, John van Leer, Tim de Haas, Nicolò Barlera, a Fundação IKEA e o ACNUR, a agência de refugiados das Nações Unidas – recebeu honras na categoria de arquitetura, e bateu outros finalistas de outras categorias – incluindo o último álbum de David Bowie – para ganhar o cobiçado prêmio global de design. Esse é o contraste de uma sociedade que demonstra avançar no desejo de desenvolver um pensamento mais humanitário em contraponto às medidas do recém-eleito presidente americano.

Já em terras brasileiras, os primeiros dias o ano parecem se traduzir em uma continuidade de um processo sem volta, em que a sociedade assiste a cenas improváveis para um povo que sempre admitiu que vivia em um país onde os mais espertos, mais ricos jamais eram punidos. Quando se podia imaginar que se poderia ver preso um dos donos das maiores fortunas mundiais? A prisão do megaempresário Eike Batista parece colocar um quesito de igualdade para todos perante a lei. Claro que ainda engatinhando para uma sociedade mais justa, em que exista, sim, a punição para quem quer seja. Um dos momentos marcantes da prisão de Eike foi a sua frase: “A Lava Jato está passando o Brasil a limpo de um modo fantástico, já que o Brasil está nascendo e agora vai ser diferente, né?”, disse, surpreso.

Em suma, o ano de 2017 já nos apresenta grandes desafios, traços de movimentos coordenados que visam conquistas morais com valores mais fraternos que precisam ganhar força e adeptos para sufocar os rompantes de corações que insistem na manutenção dos sentimentos hedonistas e materialistas, que nos distanciam cada vez mais dos nossos irmãos do caminho.

Reconciliação: consigo mesmo, com a família, com Deus

“Reconcilia-te depressa enquanto estás a caminho...” (Jesus – Mateus, 4:25)

A reconciliação¹ é uma necessidade humana geral. Todos temos algo a reconciliar e integrar em nós mesmos e nas nossas relações. E, acima de tudo, todos necessitamos nos reconectar à fonte sagrada do amor e do bem, o Criador, em nós e em toda parte.

A parábola do filho pródigo é uma síntese do movimento de desconexão criatura-criador, da insuficiência decorrente da rebeldia e da reconexão com o pai.

Tudo se inicia na rebeldia, que se manifesta na exigência. O filho, certamente cansado de viver sob cuidados do pai, exige a parte que lhe cabe na herança a fim de usufruir da vida. Há, desde aí, a consciência do filho de que sem o pai ele não é nada, pois em vez de sair de casa para conquistar o que deseja e construir a sua vida, ele requisita parte do que considera o seu direito diante das propriedades e posses de seu genitor. No entanto, essa consciência está adocida e ele deseja excluir o pai de sua vida.

O filho dessa história – assim como tantos na vida – confundiu herança com direito. É certo que os estatutos legais do mundo defendem o direito de os filhos legítimos ou assumidos seguirem na posse daquilo que os pais conquistaram. No entanto, no plano da alma, herança não é direito, é presente. É algo que os pais dão ao filho se e como desejarem, na sequência dos cuidados e da atenção que dispensaram desde o berço. Na herança há uma mensagem subliminar dos pais para os filhos: “Eis aqui o fruto do meu esforço e sacrifício para que sua vida seja um pouquinho mais leve. E porque ela é um pouco mais leve é seu dever ir um pouco mais longe.”

Quando o filho recebe a herança como presente, a recebe com respeito e reverência, e não se permite abusar do que lhe foi dado. Por outro lado, aquele que exige se crê superior e no direito de usar aquilo que outros conquistaram e não respeita o que recebe.

Aquele filho, iludido pela imaturidade ou pela rebeldia, “desperdiçou todos os bens, vivendo dissolutamente”. Ele

acreditava que aplacaria sua angústia interior e vazio existencial vivendo múltiplos prazeres. No entanto, os prazeres são como fogos-fátuos, que rapidamente queimam e logo se apagam, deixando no lugar um vazio ainda maior que o anterior. O espírito Dias da Cruz certa feita ensinou-nos que “o prazer é como o horizonte: tão logo nos aproximamos dele outro se forma mais longínquo e nunca pode ser alcançado, pois o objetivo do horizonte é ser horizonte.” Então, acrescenta o benfeitor: “O objetivo do desejo é ser desejo, não é ser realidade. O desejo é combustível, não é propósito. A natureza do desejo é a natureza do vazio humano e este só pode ser preenchido por dentro. O que faz falta ao homem não é aquilo que ele não tem e, sim, o que ele retém. Clama por amor e por ser amado, sendo fonte de amor em sua própria estrutura. Conectar-se a esta realidade e despertar a fonte em si é a necessidade fundamental do homem.”



A rebeldia é experiência passageira que, ainda que permaneça ativa por muitas encarnações, cede sempre espaço para a humildade e a obediência



Folha Espírita

FUNDADORES: Freitas Nobre e Marlene Nobre (1974)
DIRETOR RESPONSÁVEL: Paulo Rossi Severino | JORNALISTA RESPONSÁVEL: Cláudia Santos MTB - 21.177 |
DIRETOR COMERCIAL: Fábio Gandolfo Severino |
CRIAÇÃO - PROJETO GRÁFICO E SITE: MaçãV Comunicação www.macav.com.br | DIAGRAMAÇÃO: Sidney João de Oliveira
| SITE - PROGRAMAÇÃO: www.aboutdesign.com.br | REVISÃO: Sidônio de Matos | ASSINATURAS: Ana Carolina G. Severino
carol@folhaespirita.com.br | EXPEDIÇÃO: Arnaldo M. Orso 'em memória', Sílvio do Espírito Santo e Silvana De Oliveira

Folha Espírita é uma publicação de FE - Editora Jornalística Ltda. - Av. Pedro Severino Jr., 325 - São Paulo - SP - CEP 04310-060 - Telefax: (11) 5585-1977 - CNPJ: 44.065.399/0001-64 - Insc. Mun. 8.113.8970 - Insc. Est. 109.282.551-110. Periodicidade: Mensal - www.folhaespirita.com.br - e-mail: folhaespirita@folhaespirita.com.br



O filho pródigo não estava consciente dessa verdade. Semeou livremente, invigilante, e colheu naturalmente o que plantou, brotou e produziu, conforme a semente. E por desperdiçar os recursos, viu-se só e pobre, sem condições de sustentar a si mesmo e de manter-se íntegro na vida. Foi, então, apascentar porcos e comer de sua comida.

Eis a representação da desconexão criatura-Criador e seus efeitos. Quando o espírito, em sua rebeldia, aparta-se do cuidado do Pai, pela não aceitação de sua paternidade, desejando bastar-se a si mesmo, desconecta-se da fonte de abundância e infinitude que é o próprio Deus e vive a miséria decorrente do egocentrismo. Desconectado, tem que bastar a si mesmo e se fecha no egoísmo que o isola da sociedade e da família. E encontra a falência pessoal.

No entanto, a lei divina é ordenada e ordenadora, produz a ordem e conduz (ou reconduz) à ordem, em qualquer cir-

cunstância. Quando o espírito se aparta do Pai e tenta burlar a lei, ele vive, naturalmente, o efeito da falta, da ausência do alimento afetivo e espiritual que lhe nutre o coração, a mente e a inspiração, encontrando a miséria moral e espiritual. A dor lentamente sensibiliza, transforma, modifica, qual buril redentor que visita a pedra, lapidando-a e dando o toque. Então, inicia-se o regresso.

Ao se lembrar da casa do Pai, lembra-se do Seu amor. Recorda a dignidade dos assalariados, os que trabalhavam em jornadas, e da abundância em que viviam enquanto cumpriam seus deveres. Então, ele se arrepende.

Arrependimento

O arrependimento é o primeiro passo para o início da jornada de regresso, momento em que o ser acolhe em si a responsabilidade pela vida e percebe que construiu a realidade infeliz que recolhe dela e que de si depende, igualmente,

refazer o caminho de retorno à casa do Pai. Nesse momento, ele se reconcilia consigo mesmo. Acolhe sua sombra, seus vazios e desacertos, com ternura, aceitação e responsabilidade. Não perde tempo na autopunição desnecessária, olha para o que necessita fazer para reparar seu caminho. Estabelece-se, então, o movimento religioso na alma, de religação. Ele ainda se encontra apartado, no entanto, já vislumbra a necessidade e o movimento necessários para sair da miséria moral e espiritual e retornar à abundância e à alegria de viver.

Então, ele se levanta e recobra a dignidade da postura ereta na vida, a conduta reta que o levará de volta ao Pai. Vislumbra o caminho por onde desceu, desgastando a herança exigida, e percebe o lixo deixado ao longo do caminho. Vê ao alto a casa paterna e o Pai que lhe olha com dignidade e respeito, e isso o move, enchendo-o de força. Contudo, é imperativo que suba o caminho anteriormente desrespeitado,

dignificando-o. Caminha, agora, recolhendo o lixo deixado no solo, registro de sua imprevidência e rebeldia, e assume as consequências de seus atos e decisões. O olhar, no entanto, está no Pai, na promessa, no porvir de abundância.

É interessante observar que essa postura digna do filho representa o movimento de saúde estabelecendo-se na alma. Ele abandona a exigência para seguir na responsabilização pelos seus atos.

Quando o filho dá os passos iniciais necessários, ainda longe do destino, a Misericórdia Divina o visita. Do Pai, só misericórdia e compaixão. Nenhuma crítica, julgamento moral ou punição. Somente um amor abundante que ultrapassa os limites da compreensão humana, habituada a projetar em Deus as suas características humanas falíveis e imperfeitas.

Amor incondicional

O amor do Pai pelas suas criaturas é incondicional. Ensina-nos o benfeitor espiritual Dias da Cruz que “quando Deus olha para a criatura não vê uma obra imperfeita, mas uma obra perfeita em execução. E sabe que obra Sua não falha. Então, ele ama no broto imaturo o fruto maduro do amanhã. E ama cada fase e cada etapa de seu desenvolvimento, sem nenhuma exigência”.²

E o filho, regenerado e redimido, atira-se, então, nos braços do pai, envergonhado e feliz de estar de volta. É dia de festa porque “aquele que estava morto reviveu e o que estava perdido se encontrou”.

Essa é a destinação de todo ser humano. Cada ser pode eleger o roteiro, mas não pode escolher o destino, que já está pré-fixado pelo Criador: a integração plena no Seu amor.

A rebeldia é experiência passageira que, ainda que permaneça ativa por muitas encarnações, cede sempre espaço para a humildade e a obediência à medida que o espírito se dá conta de que entregar-se a Deus não é limitar-se nem negar-se, mas expandir-se e ampliar-se, infinitamente.

1 - Para estudo aprofundado do tema, ver a obra de mesmo título, “Reconciliação: consigo mesmo, com a família, com Deus”, do autor, publicada pela Ame Editora.

2 - Andrei Moreira e espírito Dias da Cruz, “Pílulas de confiança”, p. 101.

Não violência: resposta lúcida e corajosa ao

Em 1º de janeiro a Igreja Católica comemorou o 50º Dia Mundial da Paz, e o Papa Francisco, que tem demonstrado o verdadeiro espírito cristão em seus atos e discursos, levando o mundo a reflexões frequentes, enviou a toda a Igreja, mas também aos governantes, mensagem sobre “a não violência como estilo de uma política para a paz”: “Nas situações de conflito (...), façamos da não violência o nosso estilo de vida”, declarou.

Motivado pela mensagem do Papa, Dom Odilo Pedro Scherer, cardeal-arcebispo de São Paulo, teve artigo sobre o tema publicado em *O Estado de S.Paulo*, em 14 de janeiro, lembrando que “nas relações interpessoais, recorrer à violência é uma tentação para resolver conflitos e alcançar, pelo uso da força, objetivos almejados”. Continua: “Entre povos, continua a haver muita prepotência e o uso da força destruidora da guerra para resolver controvérsias, ou para impor interesses de um país sobre outro.” Por fim, admite: “Há vio-

lência demais: como mudar isso?”

Dada a importância do tema, reproduzimos parte do texto do cardeal-arcebispo para reflexão. Que possamos colocar na balança os nossos atos, buscando, como espíritas que somos, ser melhores a cada dia:

“Será possível fazer cessar a violência contra as pessoas e os povos e substituir as armas e a violência absurda das guerras pelas vias da razão, da negociação e do diálogo, com base no direito, na justiça e na equidade? Francisco, na lógica da pregação constante da Igreja e dos seus predecessores, apela mais uma vez em favor da paz e para que a não violência seja o modo de resolver as controvérsias nas relações sociais e internacionais.

O século 20 foi muito violento e as lições que deixou parecem, aos poucos, ser esquecidas, com o risco de se acabar em violências ainda piores. O Papa chama a atenção para a ‘terrível guerra mundial aos pedaços’ que se vive na atualidade em diversos países e continentes: guerras

abertas, terrorismo, criminalidade, ataques armados imprevisíveis, abusos contra migrantes e vítimas do tráfico humano, devastação ambiental...

Algo assim seria capaz de edificar a paz ou de trazer algum bem duradouro? A história ensina que não. Ao contrário, desencadeia ódios, represálias e espirais de conflitos letais, que beneficiam apenas poucos senhores da guerra! O fruto da violência nunca será a paz: será mais violência e as vítimas serão, sobretudo, os indefesos, os mais fracos, crianças, idosos, doentes, civis, mulheres, os pobres em geral.

Francisco recorda que Jesus Cristo, embora vítima de violência, ensinou a não usar a violência, pregou incansavelmente o amor de Deus, que acolhe e perdoa; a perdoar e amar os inimigos e não retribuir o mal com o mal, nem a violência com violência; mostrou o caminho da não violência, que ele mesmo percorreu, até à morte na cruz. Somente a renúncia à violência é capaz de desarmar os violentos.

“

É no teto familiar e no ambiente educativo que se aprendem a ética da fraternidade e a coexistência pacífica entre os diferentes, sem fazer uso da lógica do terror e do medo

”

CASA DE REPOUSO ALLAN KARDEC - ITAPIRA - SP



Uma vida boa
para quem já viveu
muitas vidas.



Uma casa de repouso voltada para oferecer uma vida boa, com conforto, atenção e carinho, em regime de longa permanência, a quem já viveu muitas vidas.



Saiba mais: visite
www.casarepousoallankardec.com.br
Itapira - SP - Fone: 19 3863.1577

mal com o bem

O coração humano é, no fundo, o campo de batalha onde se resolve o problema da violência e se abraça a paz; é de lá que se originam propósitos e ações violentas. E também é do coração curado de sua sede de ódio e vingança que podem vir a renúncia a toda forma de violência e as intenções e os propósitos de paz.

É realista pensar assim? Certamente. Do contrário, deveríamos concordar com quem afirma ser a lei da selva o que, em última análise, move o ser humano.

A não violência não é passividade, nem rendição covarde. Ela é resposta lúcida e corajosa ao mal com o bem, que leva a quebrar a lógica da violência. Foi o que fizeram conhecidos construtores da paz, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King e tantos outros. Foi também o que fez Madre Teresa de Calcutá, ao consagrar sua vida àqueles que não contam e são descartados pela sociedade. 'Não necessitamos de bombas e de armas; não precisamos destruir, para edificar a paz. Precisamos apenas

estar juntos e nos amar uns aos outros (...). E poderemos superar todo o mal deste mundo', disse, ao receber o Prêmio Nobel da Paz (11/12/1979). Madre Teresa dedicou sua vida a ir ao encontro das vítimas da indiferença e da violência.

Ao manifestar seu apreço pelo serviço prestado por líderes de várias religiões às vítimas de injustiças e violências, o Papa reafirma, como já fez em mais de uma ocasião, que a violência é contrária aos objetivos da religião e é uma profanação do nome de Deus; não se pode invocar a Deus para promover a guerra ou fazer violência contra outrem. 'Nunca nos cansemos de repetir: jamais o nome de Deus pode justificar a violência. Só a paz é sagrada. Não a guerra!'

A não violência requer a educação para a paz, desde a mais tenra idade, no convívio familiar e na escola. É ali que se pode aprender a ser violento, mas, também, a ser respeitoso, a superar os atritos e conflitos mediante o diálogo sincero, o senso da verdade, da retidão, da justiça, do perdão e



da misericórdia. É no teto familiar e no ambiente educativo que se aprendem a ética da fraternidade e a coexistência pacífica entre os diferentes, sem fazer uso da lógica do terror e do medo.

Também o convívio social mais próximo precisa aprender e ensinar a mesma lição. 'Que cessem a violência e os abusos contra mulheres e crianças!', apela Francisco. Sem essa educação como compromisso

de todos, será necessário continuar a construir cadeias, em vez de escolas!

Assegurar a paz é tarefa de governantes e governados, a ser praticada todos os dias, com pequenos gestos e grandes atitudes. Com a participação de todos será possível banir da vida pessoal as palavras e os gestos violentos e ofensivos, para edificar comunidades não violentas. Todos podem ser artesãos da paz."

Rádio Boa Nova **TV Mundo Maior**

"A maior caridade que podemos fazer pela Doutrina Espírita é a sua própria divulgação".
Emmanuel

feal
Fundação Espírita André Luiz

RBN
Rede Boa Nova
1450 AM / 1080 AM
EMISSORAS DA FUNDAÇÃO ESPÍRITA ANDRÉ LUIZ

TV MUNDO MAIOR
Levando a vida até você!

www.radioboanova.com.br www.tvmundomaior.com.br

Mundo Maior Editora e Distribuidora
FUNDAÇÃO ESPÍRITA ANDRÉ LUIZ
REDE BOA NOVA CONHECIMENTO

UNIESPÍRITO

Clube Amigos da Boa Nova

mercado maior.com.br

MERCA LIVROS

SBTVP

Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada

Curso de formação de terapeutas para médicos e psicólogos em São Paulo-SP, Belo Horizonte-MG, Rio de Janeiro-RJ, Santos-SP, Bauru-SP, Jundiaí-SP e Vale do Paraíba-SP.

Turmas em formação ao longo de todo ano com no mínimo de 5 alunos nas cidades sede.

Inscrições e informações: sbtvp@sbtvp.com.br
www.sbtvp.com.br

Lançamento

Invisível Cativo

Roberto de Carvalho
Espírito Basílio

Beatrice busca ajuda em um Centro Espírita, onde impiedoso obsessor a acusa de graves crimes, mostrando que a morte não extingue o ódio nem destrói o inimigo; apenas o torna invisível aos olhos materiais.

16x23 | 256 páginas

Aliança
Tel. : 2105-2600 | Fax: 2105-2626
www.editoraalianca.com.br | distribuidora@editoraalianca.com.br

EDUCA A TUA ALMA



Sandra Marinho
é palestrante do Grupo Espírita Cairbar Schutel e apresentadora do programa Portal de Luz

Aceitar-se e contribuir

Quando André Luiz escreveu no livro *Sinal Verde*, de psicografia de Chico Xavier, sobre a felicidade, fez uma citação que devido à sua relevância achei interessante trazê-la para a nossa reflexão. Trata-se da seguinte afirmativa: "... quem se aceita como é, doando de si à vida o melhor que tem, caminha mais facilmente para ser feliz como espera..."

É muito triste quando a pessoa não se aceita como é, quer fisicamente, quer intelectualmente ou socialmente. Ela se esquece de que acima de tudo é um espírito eterno e que, no presente, se encontra no lugar e no momento certo para evoluir, crescer em todos os sentidos.

Outro dia recebi uma singela mensagem, baseada em antigo provérbio chinês, que nos faz refletir justamente sobre isso:

Uma velha senhora chinesa possuía dois grandes vasos, cada um suspenso na extremidade de uma vara que ela carregava nas costas.

Um dos vasos era rachado e o outro era perfeito. Este último estava sempre cheio de água ao fim da longa caminhada do rio até a casa, enquanto o rachado chega-

va meio vazio.

Durante muito tempo foi assim, com a senhora chegando à sua casa somente com um vaso e meio de água.

Naturalmente o vaso perfeito era muito orgulhoso do próprio resultado e o pobre vaso rachado tinha vergonha do seu defeito, de conseguir fazer só a metade do que deveria.

Depois de dois anos, refletindo sobre a própria e amarga derrota de ser rachado, o vaso falou com a senhora durante o caminho:

– Tenho vergonha de mim mesmo, porque esta rachadura que eu tenho faz-me perder metade da água durante o caminho até a sua casa!

A velhinha sorriu e disse:

– Reparaste que lindas flores há somente do teu lado do caminho? Eu sempre soube do teu defeito e, portanto, plantei sementes de flores na beira da estrada do lado em que te carregou. E todos os dias, enquanto a gente voltava, tu as regavas. Durante dois anos pude recolher aquelas belíssimas flores para enfeitar a mesa. Se tu não fosses como és, eu não teria aquelas maravilhas na minha casa!

Pois é, amigos e amigas. O fato é que nós temos defeitos, e estamos nesta vida para aprender e nos burilar.

Por isso não é justo nos isolarmos, não nos aceitando e achando-nos incapazes. Agindo dessa forma estamos perdendo um tempo precioso em comparações infrutíferas, as quais só servem para nos deixar piores, ensimesmados na falsa ideia de que ninguém precisa de nós, de que nunca vamos conseguir, de que tal coisa não é para nós, ninguém vai nos dar valor, entre tantos outros pensamentos, cuja única serventia é nos constranger a viver na falsa impressão de que não temos e nunca teremos acesso à felicidade!

Como o vaso rachado, se fizermos a nossa parte, mesmo com todas as nossas "rachaduras", veremos que somos, sim, muito importantes e significativos para o bem comum.

E como já vimos de outra vez, a verdadeira felicidade consiste na felicidade dos outros para a qual podemos contribuir.

Assim como o vaso quebrado da mensagem ajudou na alegria de tantos que olhavam e se



“Na maioria das vezes, o bem que podemos fazer está nas coisas simples que conseguimos executar”

transportavam a sublimes estado d'alma ao vislumbrar o caminho de flores plantadas à beira da estrada, imaginem o que podemos realizar simplesmente nos aceitando como somos e fazendo o nosso melhor!

Na maioria das vezes, o bem que podemos fazer está nas coisas simples que conseguimos executar. Deixemos de centralizar a nossa atenção permanentemente em nós mesmos e concentremo-nos na ação proveitosa, que por vezes significa cumprir corretamente as tarefas que nos cabem no exercício do trabalho profissional. Por incrível que pareça, muitos de nós, circunspectos que ficamos nas nossas "limitações", deixamos de realizar o desejável para fazer jus ao salário, com prejuízo para aqueles que dependem do nosso trabalho!

ESPIRITISMO NA WEB

Agenda Espírita Brasil

<http://www.agendaespiritabrasil.com.br>

Agenda Espírita Brasil é um site sem fins lucrativos de divulgação da Doutrina Espírita, constituído por voluntários espalhados por todo o território nacional. Os colaboradores buscam informações sobre eventos espíritas, artigos, sites e notícias. Acesse e divulgue!



CANTINHO DO EVANGELIZADOR

Valores humanos universais

Não há dúvida que educar dá trabalho. Como diz a psicóloga Rita Calegari, ter filho não é uma tarefa fácil. "Tudo que é bom dá trabalho. Se for para não ter trabalho, é melhor ter um cacto!" Brincadeiras à parte, ao reencarnar, o espírito, de uma forma geral, é preparado e orientado para uma reencarnação na qual sairá vencedor. Precisa, porém, de uma educação adequada. A princípio, essa educação é dada pelos pais. O lar é a primeira escola, e os pais são os primeiros professores.

A família tem um papel extremamente importante na formação, e a criança aprenderá muito mais pelos exemplos do que simplesmente pelas palavras. É

um trabalho meticuloso e de estratégias. Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, esclarece: "Vemos que a natureza não dispensa a disciplina em momento algum. Se quisermos um jardim ou se esperamos rendimento mais amplo de um pomar, cogitamos de geometria, irrigação, apoio e preparação; em vista disso, acreditamos que a criança não prescinde de educação através de muito amor, aliado à disciplina, reconhecendo-se que no período da infância estamos vindo ou retornando do Mundo Espiritual com as nossas próprias necessidades de aperfeiçoamento."

Em suma, o que nos tem pre-

ocupado muito é a transmissão, e quais valores precisam ser transmitidos. Urgentemente, precisamos focar aqueles conhecidos por "valores humanos universais". Porque, sem a transmissão deles, é quase impossível formar cidadãos éticos e preparados para viver em sociedade. Vamos a eles:

1. Verdade. A verdade é o princípio básico que está por trás de todas as formas de vida. Ela dirige a conduta do ser humano autêntico e o ajuda a superar seus temores. É o que dá significado e dignidade à vida. A verdade é um valor humano, porque o homem, mesmo conhecendo-a, dentro da relatividade de sua mente, e emitindo julgamentos variáveis



Walther Graciano Júnior
é pedagogo

Campanha de Fraternidade Auta de Souza

Não se sabe ao certo a origem da Campanha do Quilo, mas, com certeza, a primeira do gênero feita em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, visando o amparo aos necessitados, foi a empreendida por Paulo de Tarso em favor da Casa do Caminho, durante as suas viagens. Consta também que Francisco de Assis fazia campanha de rua para depois distribuir aos pobres. No livro *Eurípedes o Homem e a Missão*, a autora Corina Nove-lino relata que Eurípedes Barsanulfo a utilizava em seu trabalho assistencial. Chico Xavier foi um grande divulgador dessa atividade, pedindo para que as casas espíritas, por meio dos jovens, realizassem a campanha, exatamente pela ajuda que poderiam levar aos lares em desajuste.

Lançada pela Federação Espírita do Estado de São Paulo em 3 de fevereiro de 1953, a Campanha de Fraternidade ou Campanha do Quilo, como era conhecida, toma forma, cresce e oferece oportunidade de trabalho assistencial a inúmeros grupos de jovens espíritas no Brasil. O idealizador da cam-



panha em São Paulo foi Nympho de Paula Corrêa. Nascido em Poconé, no Mato Grosso, em julho de 1918, lá permaneceu até os seus 19 anos, quando se incorporou ao Exército Brasileiro e foi transferido para Campo Grande. Em 1944 já era integrante do quadro de trabalhadores do Centro Espírita Discípulos de Jesus, assumindo posteriormente a direção do Centro Espírita Castro Alves, em Campo Grande. Em abril de 1952, mudou-se para São Paulo, capital, passando a frequentar a Federação Espírita do Estado de São Paulo

(Feesp), tendo inclusive assumido o cargo de conselheiro. E na Feesp fundou, em 1953, a Campanha de Fraternidade, que, após orientações vindas do médium Francisco Cândido Xavier, informando que o espírito de Auta de Souza, importante poetisa potiguar, nascida em 1876 e desencarnada em 1901, dirigia no plano superior essa atividade, passou a se chamar Campanha de Fraternidade Auta de Souza.

Em entrevista ao Jornal Auta de Souza, Corrêa responde o que o levou a fundar a campanha: “Ao chegar à Federação

observamos o diretor do Departamento de Assistência Social, José Gonçalves Pereira, dar dinheiro aos necessitados. Entretanto, sentimos que algo mais poderia ser feito. Propus mudanças e conseguimos apoio dos outros companheiros. Nunca imaginamos que o trabalho da campanha cresceria tanto! Com o fortalecimento e o crescimento da campanha na federação, chegamos a formar dez grupos com uma média de 22 caravaneiros. Todos os grupos possuíam coordenadores, sub-coordenadores e secretários para dar suporte ao trabalho e auxiliar na prestação de conta.”

A campanha expandiu-se para outros centros espíritas, e Corrêa passou a coordenar reuniões para outros Estados. Surgiram assim as Concafras (Confraternização das Campanhas de Fraternidade Auta de Souza), em 1956, com o objetivo de reunir e unificar os propósitos da campanha.

Objetivos

- De acordo com o livro *Bases e Regulamento da Campanha de Fraternidade Auta de*

Souza, os objetivos são:

- Divulgação da Doutrina Espírita, nos lares (de porta em porta), através da difusão de mensagens de espíritos reconhecidos evangelizadores.
- Arrecadar donativos em alimentos, roupas etc., a serem distribuídos às famílias carentes assistidas.
- Beneficiar o trabalho do caravaneiro como servidor, no exercício da humildade e tolerância, proporcionando a muitos corações oportunidade de trabalho, assim como fonte de cura aos enfermos da alma.
- Dar oportunidade a tantas criaturas desejosas de praticar a caridade de fazê-la através dos caravaneiros da campanha.
- Aproveitar, também, o grande potencial da criança, ensinando-a a ser o caravaneiro do futuro.

FONTE: <http://www.ocentroespirita.com/centroespirita/download/CFAS-Iniciantes.pdf>

sobre as coisas, pode fazer dela a motivação para a busca do divino. A verdade absoluta é Deus.

2. Ação correta. A ação correta resulta da sintonia harmônica do ser humano com a natureza e com o Universo. O ser humano age corretamente sempre que ouve a voz interior, da consciência. É um valor humano porque, sendo o ser humano uma mescla de ignorância e conhecimento, de bem e mal, tem na ação correta a prevalência do bem. Só o ser humano é capaz de moldar seu caráter e escolher o próprio comportamento. Como valor absoluto, é a lei cósmica eterna, que tudo sustenta e permeia.

3. Amor. O amor é a energia

de criação e coesão, transformação e manutenção da vida. É a força que abastece a psique, a alma. Essa plenitude é o alimento que nutre a mente e se reflete no pensamento, palavras, ações e hábitos. O exercício do amor é que revela o ser profundo, sagrado, transcendental e sublime. Quando o ser humano consegue transpor a autopreservação, o sentido de posse, vencer os limites das preferências e aversões, realiza a divindade na condição humana. Como valor absoluto, é a manifestação de Deus.

4. Paz. A paz é o alicerce da felicidade do homem. Ela advém da eliminação da desordem interior criada pelos estímulos dos sen-

tidos, emoções e pela formação sucessiva e não seletiva de pensamentos e desejos. A mente pode ser a principal aliada na construção da paz interior, mas também o mais sério obstáculo a ser transposto. Disciplinada, é o ponto de equilíbrio entre a personalidade e o espírito. Desorientada, fonte de inquietações, pensamentos inúteis e desgastantes que corroem a paz interior. Na paz é que se processam as transformações da personalidade. Enquanto valor absoluto é a bem-aventurança divina.

5. Não violência. A não violência é o reflexo da vitória do espírito sobre a natureza animal instintiva. Respeitar a si mesmo, todos

os seres, coisas e leis naturais, com humildade, amor e cooperação, é vivenciar a não violência. A vida se nutre da vida, mas o ser humano pode subsistir sem causar danos desnecessários às demais formas de vida. Pela não violência revela-se o que existe de melhor no humano. É a característica dos fortes e mansos de coração. É um valor absoluto porque é a meta da realização humana.

Transmitindo esses valores, automaticamente serão incorporados: otimismo, discernimento, atenção, reflexão, honestidade, justiça, lealdade, liderança, humildade, dever, ética, honradez, iniciativa, responsabilidade, respeito, simplicidade, bondade, amabili-

dade, disciplina, amor ao próximo, caridade, perdão, compaixão, espírito de sacrifício, renúncia, paciência, autocontrole, autoestima, autoaceitação, tolerância, desprendimento, respeito à cidadania, patriotismo, respeito à natureza, uso adequado do tempo e do dinheiro, da energia vital e tantos outros que nos impulsionarão para uma encarnação vitoriosa. (WGJ)

FONTES: Lauro Milhomem Coutinho – www.laurocm.blogspot.com.br / *Ética, Valores Humanos e Transformações* – vol. 1 – Regina Migliori, Marilu Martinelli, Lia Diskin, Ruy do Espírito Santo – Editora Fundação Peirópolis, São Paulo – 1ª edição 1998 / Chico Xavier em Goiânia.

O CÉU E O INFERNO



Richard Simonetti
é escritor e primeiro vice-presidente do Centro Espírita Amor e Caridade, em Bauru (SP)

Espíritos felizes

Praticou sem professor

Você conhece Jean Reynaud (1806-1863), leitor amigo?

Se a resposta for negativa, não se preocupe. Creio que pouca gente conhece. Eu mesmo, quando me deparei com seu nome numa manifestação registrada em *O Céu e o Inferno*, não imaginei quem fosse.

A surpresa veio quando coloquei seu nome no Google e apareceram perto de 50 mil referências.

Na *Revista Espírita* de agosto de 1863, quando de seu falecimento, Kardec situou-o como precursor do Espiritismo, destacando:

De todos os escritos de Jean Reynaud, o que mais contribuiu para a sua popularidade foi, sem contradição, seu livro Terra e Céu, posto a forma abstrata da linguagem não o ponha ao alcance de todos; mas a profundidade das ideias e a lógica das deduções o tornaram apreciado por todos os pensadores sérios e colocaram o autor na primeira linha dos filóso-

sofos espiritualistas.

Essa obra pareceu à Igreja um perigo para a ortodoxia da fé; em consequência disso foi condenada e colocada no Índice pela cúria de Roma, o que aumentou ainda o crédito do qual já gozava e fê-la procurada com mais avidéz.

Na época em que apareceu essa obra, em torno de 1840, não havia ainda a questão dos Espíritos, e, no entanto, Jean Reynaud parece que teve, como de resto muitos outros escritores modernos, a intuição e o pressentimento do Espiritismo, do qual foi um dos mais eloquentes precursores.

Importante situar que o livro *Terra e Céu* foi lançado em 1854, três anos antes de *O Livro dos Espíritos*.

Kardec informa, na citada revista, que Reynaud intuiu em grande parte, sinteticamente, o que a Doutrina Espírita apresenta analiticamente.

Há a transcrição de três manifestações de Reynaud em *O Céu e o Inferno*. Acentua o Codificador:



Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes e estranhos entre si. Pela analogia dos pensamentos e forma da linguagem, podemos, ao menos como presunção, admitir a autenticidade.

Leia-se no comentário: controle universal das manifestações, cuidado indispensável recomendado por Kardec para autenticar as mensagens do além.

Na primeira manifestação, uma observação capital:

Após a ruptura dos laços materiais, abrangeram meus olhos novos horizontes, e eu vivo e desfruto as maravilhas suntuosas do infinito.

Salvei-me, não pelo mérito dos meus serviços, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as nódoas produzidas pela ignorância na pobre humanidade.

Intuindo, como está em sua contribuição literária, que somos todos viajores da eternidade em trânsito pela Terra,

ARTIGO



W.A. Cuin
é administrador de empresas, escritor e pres. da Associação Beneficente Irmão Mariano Dias, em Votuporanga (SP)

Fato verídico: a gratidão de Mariazinha

As atividades mediúnicas na casa espírita seguiam seu curso normal de socorro aos espíritos sofredores. Os encarnados ali reunidos esmeravam-se em esforços, junto aos benfeitores espirituais, para aliviar as dores e os padecimentos que torturavam muitos desencarnados em penúria.

Foi quando um espírito se apresentou pedindo socorro, pois que não conseguia respirar e tinha urgente necessidade de um médico. Obviamente acreditava ainda estar vivendo num corpo físico, desconhecendo sua situação de desencarnado.

Mandara chamar o médico da Vila, mas, como eram inimigos, o facultativo recusava-se a

atendê-lo. Afirmava que ele não gostava do médico e nem o médico gostava dele.

O irmão que dirigia as ações mediúnicas daquela noite sugeriu a ele que o socorro já estava em andamento e que outro médico fora chamado e prestava-lhe os devidos cuidados.

– Este médico é bem mais jovem – acusa o doente.

– Sim, mas é muito competente. Está colocando uma máscara em seu rosto para que respire aliviado. Ele lhe oferece um remédio para sanar a dor do seu peito. Obedeça ao que ele determina. Tome o medicamento.

– Estou melhorando... estou bem melhor...

Nesse instante o amigo en-

“
Mesmo no contexto de uma vida mergulhada em erros e equívocos, bastou uma ação no bem para que a Providência Divina se curvasse em favor daquele irmão necessitado
”

carnado o esclarece sobre a sua condição espiritual, informando-o sobre a sua morte física e consequentemente a sua chegada à vida espiritual.

– Não conheço vocês. Por que estão cuidando de mim uma vez que nunca me preocupei em ter amigos? Tive muitas posses e vivia com minha mãe. Mas ela morreu. Nunca fiz nada de bom para ninguém. Fiz, sim, muitas barbaridades, sou um criminoso, fui muito odiado e tinha muitos inimigos.

– Você acredita que nunca fez nada de bom? E a Mariazinha?

– Como você sabe disso? É um adivinho? A Mariazinha era uma andarilha conhecida

como Maria Louca. Vivia pelas estradas. Mas o que fiz a ela foi pouco diante do que ela fez pela minha mãe. Um dia, quando eu voltava para minha casa, ela me parou na estrada e pediu uma carona. Fiquei com pena dela, pela sua situação, estava em farrapos e com fome. Então, a levei para minha casa. Lá minha mãe a acolheu e a amparou. E ela foi ficando por lá, ajudando nas tarefas da casa. Minha mãe adoeceu, e quem cuidou dela, com muito carinho e zelo, foi a Mariazinha, até o dia em que ela morreu.

Então, na casa da fazenda, ficamos eu e ela, mas, apesar de todos os meus muitos defeitos, sou uma criatura respeitadora.

onde nos compete lutar contra nossas imperfeições, Reynaud confessa que foi salvo de compromettimentos morais pela vivência de suas convicções.

A desencarnação mais tranquila e o ingresso em regiões alcandoradas, como sabemos, subordinam-se, essencialmente, ao nosso empenho por manter uma existência decente e digna, o que, sem dúvida, é facilitado pelo conhecimento dos mecanismos que regem nossa evolução.

Victor Hugo dizia que abrir escolas é fechar prisões. Podemos dizer que disseminar o conhecimento espírita é esvaziar o umbral.

Indagado quanto às suas primeiras impressões ao desencarnar, Reynaud, informa:

Exilado voluntário, na Terra, onde devia lançar a primeira semente sólida das grandes verdades que neste momento envolvem o mundo, eu tive sempre a consciência da pátria espiritual e depressa me reconheci entre irmãos.

Quando adquirirmos o salutar hábito de refletir, detendo-nos nos mistérios da existência humana, não teremos dificuldade em sentir nossa condição de seres imortais, em jornada evolutiva na Terra, rumo à gloriosa destinação.

Precursor da Doutrina Espírita, Reynaud foi sem dúvida um espírito que veio preparado para ver nos fenômenos das mesas girantes algo mais que simples

brincadeira de salão, daí não ter experimentado dificuldades para o retorno à pátria espiritual, característica de quem conhece a realidade além-túmulo.

Reitera na mesma manifestação:

O corpo é um estorvo às faculdades espirituais e, por maiores que sejam as luzes por ele conservadas, elas são mais ou menos empanadas ao contato da matéria. Fechei os olhos na esperança de um despertar feliz e, se o sono foi breve, a admiração foi imensa.

Os esplendores celestes, desenvolvidos aos meus olhos, pompeavam em toda a sua magnificência! A minha vista deslumbrada imergia na imensidão dos mundos cuja existência afirmara, bem como a sua habitabilidade. Era uma miragem a revelar e confirmar concomitantemente a justeza dos meus pensamentos.

Há uma tônica nas observações dos espíritos que retornam vitoriosos ao mundo espiritual:

superando de pronto as dificuldades do retorno, deslumbram-se com as belezas dos planos superiores cujo acesso lhes foi permitido por seus méritos.

Como Reynaud desencarnou em 1863, seis anos após o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, lhe é indagado se professou o Espiritismo. Responde:

Há uma grande diferença em professar e praticar. Muita gente professa uma doutrina, que não pratica; pois bem, eu praticava e não professava. Assim como cristão é todo homem que segue as leis do Cristo, mesmo sem conhecê-lo, assim também podemos ser espíritos, acreditando na imortalidade da alma, nas reencarnações, no progresso incessante, nas provações terrenas abluções necessárias para purificar-se. Acreditando em tudo isso eu era, portanto, espírita.

Considerando que todos já vivemos múltiplas existências

no passado, com incontáveis experiências no mundo espiritual e no mundo físico, trazemos, intuitivamente, o conhecimento das verdades reveladas pela Doutrina Espírita.

Tão lógicas, claras e objetivas situam-se; tão profundamente estão integradas em nossa consciência, que é só nos darmos ao esforço da reflexão para que aflorem.

Lembra a *maiêutica*, exercitada por Sócrates. Ele admitia que trazemos conhecimentos profundos sobre a vida, ainda que ocupando posições humildes na Terra que não nos oferecem acesso à educação formal. Eles tendem a aflorar a partir da reflexão e do diálogo.

Quando adquirirmos o salutar hábito de refletir, detendo-nos nos mistérios da existência humana, não teremos dificuldade em sentir nossa condição de seres imortais, em jornada evolutiva na Terra, rumo à gloriosa destinação.

Jorge Andréa dos Santos retorna à pátria espiritual

Desencarnou, em 1º de fevereiro, o médico, pesquisador e escritor Jorge Andréa dos Santos.

Grande estudioso sobre o inconsciente humano, apontando um novo paradigma para a mente, escreveu diversos livros sobre a temática espírita. Foi responsável pelo capítulo *Fenômenos Anímicos e Mediúnicos: Sua Estruturação Biopsicológica*, do livro *Saúde e Espiritismo*, lançado em parceria com vários colaboradores da Associação Médico-Espírita do Brasil em 2001. Nessa ocasião, durante o congresso médico-espírita realizado biennialmente, recebeu homenagem por sua contribuição ao paradigma médico-espírita. Em junho, conforme programação, será homenageado no MED-NESP 2017, por seu brilhante trabalho e dedicação na área da Psiquiatria e do Espiritismo.



Não poderia ficar sozinho com ela. Determinei, então, que fosse feita uma casinha para acomodá-la, com mobiliário e tudo. Nessa casa ela viveu ainda um bom tempo, até que a velhice chegou e a morte a levou também.

Mas o que tem a ver a Mariazinha com o socorro que estou recebendo agora, embora tendo a consciência de que nem mereço tanto, ante as barbaridades feitas neste mundão de Deus?

– As leis de Deus, meu irmão, são de amor e de justiça, jamais de castigos e de punições. Claro que, pela lei de causa e efeito, haveremos de conviver com os reflexos negativos das nossas ações infelizes, mas a mesma lei

nos garante o direito de experimentar a alegria do bem vivido. Sendo assim, veja agora quem solicitou a Deus que você fosse socorrido, observe quem se aproxima.

– Não acredito, é você, Mariazinha...?

Os instantes seguintes foram de pranto emocionado.

Mesmo no contexto de uma vida mergulhada em erros e equívocos, bastou uma ação no bem para que a Providência Divina se curvasse em favor daquele irmão necessitado. Ele haverá de responder pelo mal que fez, mas o bem sempre será uma notável atenuante em seu favor.

Reflitamos...

ATUALIDADE

Giovana Campos

Jovens se engajam cada vez mais com a espiritualidade

Se a busca pela espiritualidade é uma constante nos dias atuais, os jovens não ficam atrás nesses aspectos. E há uma vantagem: hoje, os universitários da área da Saúde tentam inserir o componente espiritual também em suas carreiras, proporcionando respostas aos seus desejos e também preenchendo lacunas até então abertas nos cuidados de saúde. O médico generalista Alberto Gorayeb de Carvalho, coordenador do Departamento Acadêmico da Associação Médico-Espírita do Brasil, nos traz a sua visão sobre o tema:

Folha Espírita – Como está a relação do jovem com a espiritualidade no meio acadêmico?

Alberto Gorayeb de Carvalho – O cenário de transformações éticas, sociais, relacionais e políticas que vivenciamos de maneira tão intensa reflete de forma especial no jovem de hoje. Como seres do nosso tempo, buscamos a velocidade e a resolutividade como meios de manutenção e cumprimento de metas de vida esquecendo que, muitas vezes, essas estratégias nos afastarão da essência das nossas práticas. No tocante à nossa educação profissional para a saúde, esse cenário parece reforçar-se ainda mais. Nesse ínterim, enxergo a espiritualidade como uma oportunidade de resgatar o sentido, o propósito e o significado da nossa atuação essencial de “seres cuidadores”. O cuidado pressupõe entrega e dedicações integrais, condições que podem contrariar os ditames sociais e os modelos de saúde predominantes.

O meio acadêmico, que, por vezes, é ilustrado por tantos tons de cinza, tem-se aberto, cada vez mais, às iniciativas que abraçam objetivos educacionais que contemplam o contingente de espiritualidade. São ligas acadêmicas, programas de extensão e pesquisa, núcleos de estudo, etc. A relação do estudante com essas iniciativas tende a ser próxima e essas estratégias acabam por extrapolar o intento inicial de serem espaços de formação complementar, acolhendo o estudante e suas angústias de forma integral e estimulando – além de

um remodelamento da práxis profissional – práticas de autocuidado e autoconhecimento, munindo assim o estudante de competências ético-humanísticas para o cuidado integral da saúde do homem.

FE – Por que é importante essa relação?

Carvalho – As evidências científicas oferecem-nos cada vez mais motivos para dedicar-nos ao estudo da inter-relação saúde-espiritualidade. São estudos com metodologias complexas, com grandes contingentes amostrais, etc. Acredito que os meus anos de estudos em saúde e espiritualidade, reforçados pelas mudanças de atitudes e posturas pessoais e profissionais que já enxergo em mim, me fazem ter uma opinião mais “complexa” a respeito dessa importância... Tento passar a seguinte ideia: por um lado, precisamos estimular a espiritualidade como uma competência profissional a ser atingida (incluindo-a nos atendimentos multiprofissionais e respeitando-a como um componente da multidimensionalidade das pessoas); e, por outro lado, valorizar a espiritualidade como uma estratégia de preparo e crescimento pessoal que propiciará o encontro do estudante com sua essência e, conseqüentemente, com o cumprimento daquele objetivo primordial do “ser cuidador” ao qual me referi anteriormente.

FE – Existe a prevalência de algum curso sobre os demais nessa busca pela espiritualização na área da Saúde?

Carvalho – Ainda carecemos de levantamentos que esclareçam sobre esses números. Analisamos maiores números de iniciativas acadêmicas por parte de estudantes dos cursos médicos, mas que, na maioria das vezes, tomam uma postura multiprofissional em suas atividades. Indo além, conheço dois projetos de extensão/atividades complementares na área e que nasceram de faculdades de Enfermagem, a saber: a Liga Acadêmica de Cuidado Espiritual em Saúde (LACES) do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza (CE); e o Grupo de Estudos em Espiritua-



Passou o tempo das salas de aulas com intermináveis exposições e educação transmissiva. O jovem quer troca, quer ensinar, atuar e praticar – essa é a educação que transformará o mundo.

lidade e Cuidado Integral, da Faculdade ASCES, em Caruaru (PE).

No tocante aos cursos médicos, o principal estudo que objetivou analisar o cenário brasileiro sobre as iniciativas acadêmicas em saúde e espiritualidade foi realizado em 2012, evidenciando que uma média de 40% do total de instituições analisadas já contemplava a espiritualidade de alguma forma em seus currículos de graduação (contrariando índices ingleses e americanos, em que esses números chegam a 70% e 80%).

FE – No âmbito universitário, qual é o olhar do professor sobre essa busca pela espiritualidade?

Carvalho – Percebo uma “evolução” na perspectiva do corpo docente das nossas universidades

quando o assunto é “saúde e espiritualidade”. Inicialmente, são olhares de descrença e dúvida, que dão origem à curiosidade e que os levam, por conseguinte, a querer conhecer do que se trata, cabendo ao corpo discente, por sua vez, a conquista dos professores, tutores e gerentes dos cursos.

Lembro que as primeiras atividades do Grupo de Estudos em Saúde e Espiritualidade (GESESP), grupo que “me criou” ao longo da minha educação médica no Recife entre 2011 e 2016, suscitaram uma série de comentários entre os tutores da faculdade, era como se não entendessem o que estávamos fazendo ali. Ao longo dos anos a iniciativa foi consolidando-se, passamos a convidar sempre alguns tutores a fazer parte das atividades do grupo. Por fim, chegamos a ter a aprovação de um Módulo Transversal em Saúde e Espiritualidade pelo próprio colegiado discente da instituição em 2015.

FE – E os alunos? Estão vendo a espiritualidade como um diferenciador na qualificação e humanização profissional?

Carvalho – Percebemos cada vez mais olhares atentos e posturas próximas por parte dos estudantes. No geral, eles nunca chegam a lotar as salas, entretanto participam cada vez de forma mais intensa. Algo que sempre costumo falar é que é preciso adequar as propostas educacionais em saúde e espiritualidade à demanda da vida dos estudantes e ao avanço do ensino em saúde, é preciso metodologias inovadoras, participativas e inclusivas!

FE – O Departamento Acadêmico (DA) da AME-Brasil tem incentivado essa busca? Como?

Carvalho – O DA AME-Brasil sempre foi um grande parceiro das iniciativas em saúde e espiritualidade, muitas das pessoas que capitaneiam esse movimento nas universidades Brasil afora são também colaboradoras do departamento. Esse intercâmbio traz muitos frutos para todos nós, estamos sempre em contato e compartilhando tanto as vitórias quanto as angústias. Algumas iniciativas

universitárias acabam por configurar-se como Grupos Assistidos de algum Departamento Acadêmico regional, o que facilita ainda mais esse contato.

FE – O que o jovem acadêmico poderá encontrar nas atividades do DA que acontecem pelo Brasil?

Carvalho – São diversas atividades! De modo geral, cada Departamento Acadêmico (existem 18 DAs no Brasil, espalhados pelas cinco regiões) estabelece as suas ações em paralelo com as ações da AME à qual está vinculado. São grupos de estudos sobre as obras básicas da Doutrina Espírita, estudos sobre importantes escritores como André Luiz e Bezerra de Menezes e até movimentos de Assistência à Saúde e Benemerência, a exemplo da assistência exercida a um Lar de Idosos prestada pelo Departamento Acadêmico da AME-Carioca, no Rio de Janeiro (RJ).

Todas as atividades, bem como as suas agendas, estão disponíveis no Cadastramento 2016 – 2017 do DA AME-Brasil, no site da AME-Brasil (www.amebrasil.org.br).

FE – E no Mednesp? O que o DA trará para o público?

Carvalho – Preparamos a segunda edição do **Simpósio do DA AME-Brasil** (a primeira edição foi realizada no Mednesp de Goiânia, em 2015) que ocorrerá durante um dos turnos do evento. A novidade para este ano é que o simpósio propõe contemplar as dez facetas do Decálogo Médico-Espírita, escrito por Dr. Bezerra de Menezes em 1968, e será realizado por palestrantes acadêmicos dos quatro cantos do Brasil! Contaremos também com a submissão de **Trabalhos Científicos**, uma oportunidade única de troca de experiências com grandes referências que estudam “saúde e espiritualidade” e que estarão no evento. Ademais, o DA AME-Brasil e o DA AME-Carioca estão organizando o **Alojamento Estudantil**, uma estratégia que visa facilitar a ida de estudantes através da redução dos custos da estadia na cidade. Mais informações sobre o Alojamento Estudantil do Mednesp 2017 pelo e-mail comunicacao@amebrasil.org.br.